



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL
E MODERNO EM PORTUGAL

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

74-75

Ano de Edição

2025

Ano Associativo AAP

2022-2023

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e César Neves

Design gráfico

Paulo Freitas

Fotografia da capa

Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

250 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud

SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM

- 9 Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura
Santiago Macias
- 99 Memórias
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia
Manuela de Deus

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL

- 125 Colóquio – “Silos, matamorrás e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura
Vanessa Gaspar

ARTIGOS

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)
Carlos Boavida

RELATÓRIOS

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

DEGEBE NO ALQUEVA: 1998–2001¹

Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Vírseda Sanz

Arqueólogas / anantunes@gmail.com; consue8@yahoo.es

«A elucidação destas e de outras questões [que permaneciam por responder] terá de passar, agora, por um estudo mais desenvolvido desta micro-região, com um programa de escavações sistemáticas dos diversos povoados e monumentos megalíticos situados acima da cota de enchimento da albufeira de Alqueva, estudo esse que permita a integração dos dados obtidos nestas intervenções de salvamento.

Essa é a esperança possível num momento em que as águas de Alqueva continuam a subir, trazendo a esperança a esta região mas, ao mesmo tempo, aumentando ainda mais a opacidade inerente a qualquer vestígio arqueológico, cobrindo, inexoravelmente, uma paisagem percorrida, sofrida e amada ao longo destes anos que mudaram o panorama do Alentejo e da Arqueologia em Portugal».

Susana Correia (2002, p. 116)

Resumo

Evoca-se a Susana Correia, destacando-se a sua presença em mais uma das etapas fundamentais da arqueologia portuguesa – o plano de minimização de impactes sobre o património arqueológico associado à construção da barragem de Alqueva. A sua participação em outros projectos, acompanhando os trajectos profissionais das autoras é igualmente assinalada.

Palavras-chave: Susana Correia, Degebe, Alqueva, Arqueologia.

Abstract

Susana Correia is evoked and her presence in one of the fundamental stages of Portuguese archeology is highlighted – the plan to minimize impacts on the archaeological heritage associated with the construction of the Alqueva dam. Simultaneously, her participation in other projects, accompanying the professional paths of the authors is also marked.

Keywords: Susana Correia, Degebe, Alqueva, Archaeology.

¹ As autoras não adoptam o designado Acordo Ortográfico de 1990.

1. A SUSANA

Tivemos o privilégio de privar com a Susana Correia em outros contextos, pessoais e profissionais, tanto anteriores como posteriores aos que abordamos neste texto, consoante os casos, os quais consideramos igualmente importante evocar, não só porque reflectem a dimensão que a Susana ocupou nas nossas vidas, mas também porque demonstram a plêiade de projectos em que esteve envolvida e o seu papel em diversas dimensões da actuação arqueológica.

Tudo começou na (e não em) Cuba, nas escavações arqueológicas que a Susana desenvolveu entre 1993 e 1995 no sítio calcolítico do Cabeço da Azurria, sobre o qual elaborou a sua dissertação de mestrado (*Calcolítico do Sul de Portugal – Estudo de um caso: o concelho de Cuba*, 1996), no âmbito do Projecto de Investigação sobre a Pré-História Recente (Correia, 1996, 2000). Naquelas, enquanto voluntárias, participaram Consuelo Gómez Granel, Alma Maestre Rubio e Lidia Vírseda Sanz, entre outros estudantes universitários oriundos de Madrid, embaixadores das principais universidades da cidade: Complutense, Autónoma e de Alcalá (Figura 1).



Figura 1 – Susana Correia nas escavações arqueológicas do Cabeço da Azurria (© Lidia Vírseda Sanz).

Foi um verão inesquecível para muitos de nós, ou melhor dizendo, foi inesquecível para todos os que lá participaram, sem exagero! Não só por tudo aquilo que aprendemos enquanto alunos do primeiro ano da universidade, fresquinhos como alfaces e ávidos de ensinamentos práticos que completassem a parte teórica que era leccionada nas aulas. Aprendemos muito mais, muito. Aprendemos que “as gravuras não

sabiam nadar”, arranhámos o “Grândola Vila Morena” e, inevitavelmente, ficámos a conhecer um bocadinho mais da nossa geografia com o mítico “Olivença é nosa!”. E, apesar de não podermos participar nas campanhas arqueológicas realizadas nos anos subsequentes, a amizade nunca se perdeu e possibilitou, a algumas de nós, regressar anos depois, já com os estudos concluídos, para participar no emblemático projecto de salvamento de sítios arqueológicos da barragem de Alqueva.

Depois de Alqueva, a Susana acompanhou sempre o nosso percurso, numa vivência feita de afectos e cumplicidades. Podemos até dizer que, em grande medida, foi devido à Susana que a Ana Sofia e a Consuelo assentaram arraiais no Alentejo. E, embora as restantes regressassem aos seus respectivos portos de abrigo, os laços que se criaram durante esses anos, nunca se desfizeram.

Já em termos profissionais, a Consuelo Gómez partilhou muitos momentos com a Susana, enquanto técnica da Direcção Regional de Cultura do Alentejo, com o mesmo cenário de fundo, o Alqueva, mas no âmbito já de outros projetos, principalmente o Sistema Global de Rega do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EFMA) – Figura 2. Desde 2019 que trabalhavam em conjunto na elaboração de um *corpus* informático em ambiente SIG, sobre a informação arqueológica do concelho de Beja, trabalho que já não foi possível rever em conjunto.



Figura 2 – Susana Correia, enquanto técnica da Direcção Regional de Cultura do Alentejo, no acompanhamento das obras do Circuito Hidráulico de Caliços-Machados (Moura), com Consuelo Gómez Granel (© Paulo Marques).

No caso de Ana Sofia Antunes, o caminho cruzara-se com o da Susana pela primeira vez em Maio de 1999 no Alqueva, aquando da escavação do *habitat* pré-histórico do Moinho Novo 1 (Bloco 4), sob direc-

ção de Emílio Ambrona. Para além do apoio dado ao Projecto de Investigação *A ocupação humana da Serra de Portel entre o Bronze Final e a Idade do Ferro* (PNTA, 2001-2002) e do incentivo prestado ao longo da elaboração da dissertação de mestrado *Castro da Azougada – conjunto cerâmico. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana* (2005), bem como da oportunidade de participar na escavação arqueológica dirigida por Carolina Grilo, precedente da instalação do Núcleo Arqueológico da Rua do Sembrano (2003-2004), importa destacar o trabalho conjunto realizado.

Neste âmbito, as funções que uma (ASA) e outra (SC) desempenharam enquanto Técnicas Superiores (de Arqueologia) da Câmara Municipal de Serpa (entre 2004 e 2015) e da Direcção Regional de Cultura do Alentejo (e entidades precedentes), respectivamente, implicavam, por inerência, um contacto regular e possibilitaram a oportunidade de organizar actividades em conjunto, como duas edições dos Encontros de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, a VII e a VIII, em 2013 e 2014, que celebraram o vigésimo aniversário do evento (que envolveram ainda um conjunto diversificado de pessoas e instituições) – Figura 3.



Figura 3 – Sessão de encerramento do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Aroche, 26.10.2014) – © Câmara Municipal de Serpa – página de Facebook.

A assinatura de um protocolo entre ambas as entidades (incluindo ainda o Museu Nacional de Arqueologia) ditou um labor de grande proximidade no desenvolvimento do projecto de Ampliação e Requalificação do Museu Municipal de Arqueologia, de cujo Guião Expositivo são autoras (em conjunto com Ana Isabel Santos), bem como de alguns dos conteúdos da Exposição Permanente, tendo a Susana acompanhado de um modo geral todo o Projecto Museológico até à montagem da Exposição. Foi um processo longo e desafiante, que requereu inúmeras alterações ao Guião Expositivo, cuja versão inicial é de 2007 e

a final de 2014, empreendimentos a que a Susana se dedicou com o pragmatismo e a determinação que a caracterizavam, frequentemente fora do horário oficial de trabalho.

Não obstante a importância dos projectos mencionados, os trabalhos arqueológicos relacionados com a construção da barragem de Alqueva e desenvolvidos entre 1998 e 2001 são o elemento que nos une e que constituiu um marco fundamental nos nossos percursos. Por esse motivo, e embora não pertençamos à Associação Degebe, mas tenhamos sido contratadas para a realização dos trabalhos, entendemos que seria

fulcral deixar o testemunho sobre mais este contributo da Susana, que se estende também à história da Arqueologia portuguesa.

Efectivamente, para quatro recém-licenciadas foi muito importante poder participar num projecto com a dimensão e o ineditismo do Alqueva e assumir a direcção de escavações arqueológicas com a respon-

sabilidade e a exigência inerentes a essa função, mas também com o apoio que a Susana prestava, enquanto coordenadora do projecto (sem prejuízo dos restantes elementos da Associação e da equipa) e enquanto pessoa empática, sempre disponível a ouvir. A Susana podia ser formalmente nossa chefe, mas tornou-se nossa amiga – e que raro que isso é!



Figura 4 – A equipa das signatárias no Monte Roncão 16. Da esquerda para a direita: Alma Maestre Rubio, Consuelo Gómez Granel, Ana Sofia Antunes e Lidia Vírveda Sanz (© temporizador).

Muito se poderia escrever sobre o que em conjunto e individualmente partilhámos com a Susana. Mas são palavras que guardamos no reduto das memórias. Para estas páginas, bastam estas.

2. PRÉ-HISTÓRIA RECENTE NAS BACIAS DO ÁLAMO E DO DEGEBE

A Degebe – Associação de Valorização do Património Cultural contratualizou com a EDIA, enquanto Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, a realização dos trabalhos incluídos nos Blocos 4 – *Sítios da Pré-História Recente entre a Ribeira do Álamo e a bacia do Degebe (concelhos de Reguengos de Monsaraz e Portel)* e 7 – *Antas da Bacia do Degebe (concelho de Portel)*, desenvolvidos entre 1998 e 2001, na sequên-

cia de concurso, no âmbito do Plano de Minimização de Impactes Arqueológicos do regolfo de Alqueva.

Importa sublinhar a relevância e o cariz pioneiro que estes trabalhos, em conjunto com os dos restantes Blocos, assumiram à época, e não só, na medida em que até àquela data nunca tinha sido implementado um tão vasto e dedicado plano de minimização de impactes sobre o património arqueológico. Recorde-se também que a arqueologia empresarial dava os primeiros passos e que a disciplina tinha acabado, pela primeira e única vez, de adquirir autonomia a nível governamental, com a criação do Instituto Português de Arqueologia e das respectivas Extensões Territoriais em 1997 e que a moldura regulamentar era incipiente. Tudo era, de certa forma, um admirável mundo novo, que íamos construindo paulatinamente.



Figura 5 – Visita da EDIA aos trabalhos arqueológicos que se tinham iniciado na Anta 1 da Torrejona. Ao centro de frente, Susana Correia, acompanhada por Ana Sofia Antunes e Armando Guerreiro (de costas, à direita e à esquerda, respectivamente). Ocultos, de chapéu, estão António Carlos Silva e, a desenhar, Marisa Nata (Arquivo Degebe).

Nesse contexto foram realizados trabalhos diversos em múltiplos sítios já localizados, tendo sido também identificados novos arqueossítios. Para além de povoados e antas, foram também realizados levantamentos de pedras com gravuras e a tentativa de realocação de um menir. Cota 152 era uma das referências mais repetidas – a cota de enchimento máximo prevista para a albufeira de Alqueva. No caso dos povoados (Bloco 4), os objectivos definidos *a priori* consistiam na realização de sondagens de diagnóstico nos sítios já conhecidos situados abaixo daquela altitude, que poderiam ser sucedidas por escavações em área caso existisse potencial arqueológico que o justificasse. Já relativamente aos monumentos megalíticos (Bloco 7), preconizava-se a prospecção da envolvente e, de forma inovadora, a sua escavação integral (Correia, 2002, p. 109; Antunes *et al.*, 2004, p. 228), o que produziu resultados até à data desconhecidos, designadamente relativos à arquitectura, aos processos construtivos e a realidades eventualmente habitacionais anteriores, já que se alcançaram zonas usualmente não levantadas.

As intervenções e os respectivos responsáveis podem ser consultados na tabela *infra*. Para além das signatárias, diversos foram os intervenientes ao longo dos anos, desde os membros da própria associação



Figura 6 – Visita de Luís Raposo, da Comissão Científica do Plano de Minimização de Impactes Arqueológicos do regolfo de Alqueva, aos trabalhos em curso. Passagem pela Anta 1 da Torrejona. Susana Correia acompanhada por Ana Sofia Antunes e Lidia Virseda Sanz (no limite da imagem) – Arquivo Degebe.

aos elementos que foram sendo adicionados, por vezes rotativamente, em função das necessidades (Figuras 7 e 8).

A Susana Correia, Presidente da Direcção da Degebe, foi a Responsável Científica por ambos os Blocos que, para além da componente arqueológica, apoiada pela topografia, a cargo de Armando Guerreiro e pelo desenho, da responsabilidade de Marisa

nome	id (mapa)	n.º EDIA /cns	ano	caracterização	intervenção
BLOCO 4					
Rocha da Moura	1	95 326/ 13542	1998	Habitat	Escavação (d direcção de Jorge Vilhena /Emilio Ambrona)
Defesinha 15	2	95 446/ 13544	1998	Habitat	Escavação (d direcção de Emilio Ambrona)
Defesinha 17	3	95 451/ 13555	1998	Habitat	Escavação (d direcção de Jorge Vilhena)
Monte Barbosa 6	4	95 233/ 13547	1998	Habitat	Escavação (d direcção de Emilio Ambrona)
Agualta 4	5	95 458/ 13548	1998	Habitat	Escavação (d direcção de Jorge Vilhena)
Agualta 8	6	99 1604/ 13546	1998/1999	Habitat	Escavação (d direcção de orge Vilhena (1998) e Mário Reis (1999))
Moinho Novo 1	7	95 90/ 13529	1998/1999	Habitat	Escavação (d direcção de Emilio Ambrona)
Rocha do Vigio 1	8	98 1548/ 13551	1999	Habitat	Escavação (d direcção de Emilio Ambrona)
Rocha do Vigio 2	9	99 1720/ 16281	1999	Habitat	Escavação (d direcção de Jorge Vilhena)
Monte Musgos 11	10	99 1691/ 16095	2000	Habitat	Escavação (d direcção de Ana Sofia Antunes)
Monte Roncão 16	11	99 1692/ 12880	2001	Habitat	Escavação (d direcção Consuelo Gómez Granel)
Monte Roncão 5	12	95 376/ 20699	2002	Arte rupestre	Levantamento
Defesinha 3	13	95 434/ 21077	2002	Arte rupestre	Levantamento
Defesinha 22	14	95 453/ 21092	2002	Arte rupestre	Levantamento
Agualta 3	15	95 456/ 21094	-	Habitat	Não escavado (totalmente destruído)
BLOCO 7					
Marco Alto 3	16	99 1721/ 18584	1999	Anta	Escavação (d direcção de Emilio Ambrona)
Anta 2 da Torrejona	17	95 1060/ 16258	1999/2000	Anta	Escavação (d direcção de Lidia Vírveda Sanz)
Anta 1 da Torrejona	18	95 1061/ 16268	1999/2000/ 2001	Anta	Escavação (d direcção de Ana Sofia Antunes)
Anta do Chão da Pereira	19	95 1054/ 16266	1999/2001	Anta	Escavação (d direcção de Jorge Vilhena)
Marco Alto 1	20	95 250/ 16261	2000	Anta	Escavação (d direcção de Ana Sofia Antunes)
Anta da Balsinha	21	95 104/ 16259	2000	Anta	Escavação (d direcção de Lidia Vírveda Sanz)
Anta da Moncarxa	22	95 1063/ 18953	2001	Anta	Escavação (d direcção de Alma Maestre Rubio)
Monte Musgos 9	23	95 256/ 20976	2000/2002	Anta	Levantamento e remoção
Roncão 3	24	95 967/ 21339	2000	Menir	Prospecção (não localizado)

Figura 7 – Listagem sumária dos sítios intervencionados (Fonte: Correia, 2002)

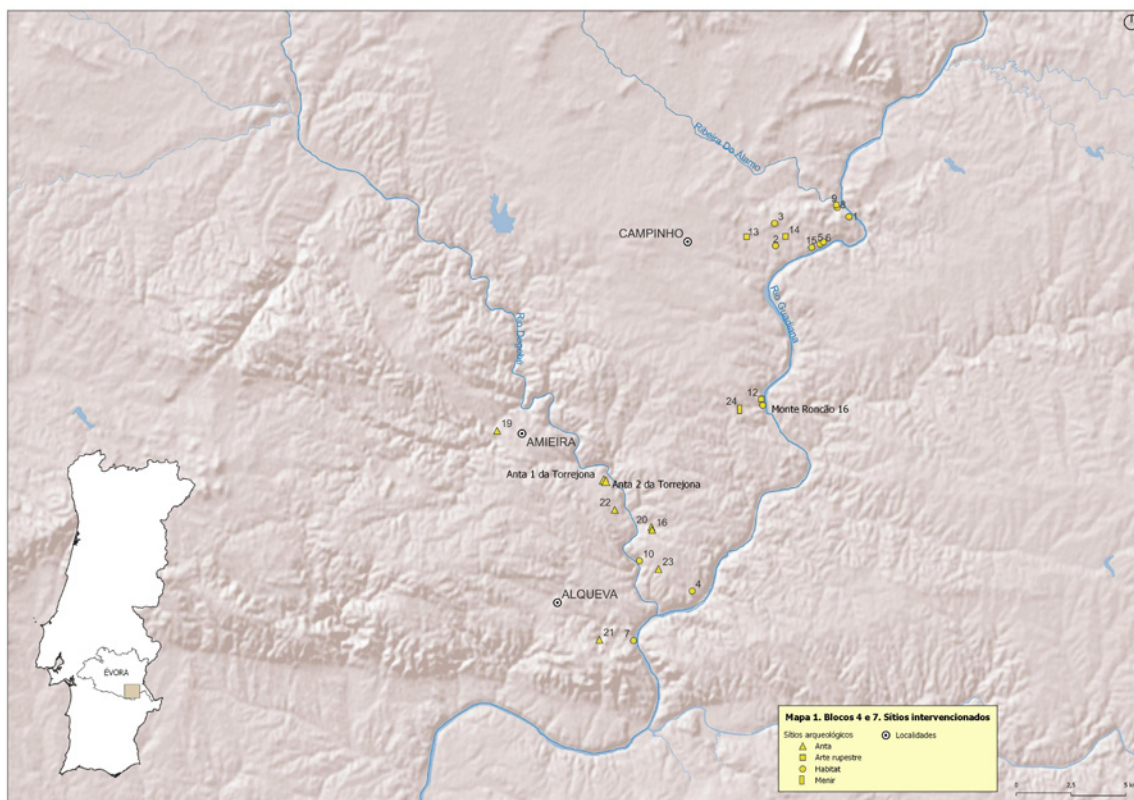


Figura 8 – Cartografia dos sítios intervenionados (Blocos 4 e 7).

Nata, incluíam a valência da Conservação, assumida por Joaquim Garcia e Antónia Tinturé. Artur Martins desempenhou o papel de consultor científico. Fundamentais foram também o Sr. Manuel (dos Santos) e o Sr. Marcos (Ferreira), os trabalhadores indiferenciados que nos acompanharam ao longo do tempo, oriundos da aldeia onde parte da equipa se instalou e onde, invariavelmente, toda a gente se perdia – o Campinho (concelho de Reguengos de Monsaraz). Não poderíamos deixar de evocar os voluntários que elegeram estes trabalhos para aprender um bocadinho mais sobre arqueologia. Não poderíamos também deixar de recordar o Monte de Santo Amador, quartel-general das actividades, tanto de carácter profissional, como festivo. E, naturalmente, seria impossível falar da Susana, sem mencionar o sempre presente José Baguinho, que conheceu o Alqueva tão bem como nós.

Neste texto abordaremos sumariamente, a título de exemplo, um sítio ou um conjunto coerente de sítios de cada um dos Blocos, designadamente um povoado e duas antas muito próximas e integrantes da mesma necrópole, que foram alvo da direcção científica das signatárias.

2.1. Bloco 4 – Sítios da Pré-História Recente entre a Ribeira do Álamo e a bacia do Degebe (concelhos de Reguengos de Monsaraz e Portel)

O Bloco 4 integrou quinze sítios arqueológicos, com programa de sondagens previsto em doze *habitats* e o levantamento topográfico de três “pedras com covinhas”. Deste “pacote” inicial, o sítio Agualta 3 foi, logo à partida, excluído, por estar destruído. O mesmo aconteceu, embora por diferentes motivos, com os sítios Rocha do Vigio 1 e 2 pois, apesar das sondagens iniciais realizadas pela Degebe, transitaram para outro Bloco, uma vez que revelaram contextos com horizontes cronológicos enquadráveis no Bronze Final/Idade do Ferro. Algumas das intervenções revelaram muito poucos dados, como as realizadas nos sítios Rocha da Moura, Defesinha 15, Defesinha 17 e Monte Barbosa 6. Já os sítios de Moinho Novo 1, Agualta 4 e 8, Monte Musgos 11 e Monte Roncão 16 destacam-se pelos resultados obtidos (Correia, 2002, p. 110).

2.1.1. Monte Roncão 16

O sítio de Monte Roncão 16 foi descoberto por elementos da Degebe durante trabalhos de prospecção

direccionados à localização e levantamento de um afloramento com “covichas” – Monte Roncão 5, situado nas proximidades, a cerca de 225 m a Norte, no topo de uma suave elevação. À superfície, observaram-se materiais, maioritariamente cerâmicos, vestígios de estruturas arqueológicas e fragmentos de cerâmica de revestimento, sendo logo integrado no Bloco 4 do Plano de Minimização de Impactes da barragem de Alqueva, por ficar a uma cota submergível. No entanto, a campanha de escavação de 2001 foi realizada com os dias sobranes das outras intervenções contempladas nesse Bloco, pelo que o tempo efectivo de trabalho de campo foi muito curto. Esta condicionante fez com que a abordagem ao sítio tivesse um mero carácter de diagnóstico, tentando, por um lado, confirmar a existência e importância dos vestígios à superfície e, por outro, avaliar o seu estado de conservação.

Administrativamente, o sítio de Monte Roncão 16 situa-se na Herdade do mesmo nome, pertencente à Casa de Bragança, na União de freguesias de Campo e Campinho, concelho de Reguengos de Monsaraz, distrito de Évora (Figura 8). Está implantado num esporão, junto à margem direita do rio Guadiana, com vertentes de declive bastante acentuado em três das suas frentes. O sopé da elevação onde se implanta é, ainda,

banhado por um pequeno barranco que, a Sul, conflui no Guadiana. Embora não se destaque de forma proeminente na paisagem envolvente, a sua implantação confere-lhe um amplo domínio visual sobre o território que se estende, principalmente, a Sul e a Este do rio. Já para Norte, a linha de horizonte apenas avista um troço do rio, numa extensão de 500 m (Figura 9).

A intervenção decorreu entre 17 de Abril e 23 de Maio de 2001, num total de 33 dias de trabalho e contemplou duas fases: num primeiro momento, realizou-se a prospecção sistemática do sítio com recolha georreferenciada do material de superfície. A cada peça recolhida foi atribuído um número correlativo e uma coordenada, com exceção dos materiais que ficavam muito próximos e que se optou por agrupar num único número/conjunto. No total, foram recolhidas 367 peças, entre cerâmicas (345) e líticas (22). A cerâmica de revestimento não foi recolhida. Entre as primeiras, predominam as formas incaracterísticas (306), algumas das quais remetem para recipientes de grandes dimensões, face aos 37 fragmentos de bordos (entre pratos, taças e indeterminados) e os 2 fragmentos de fundos. A indústria lítica, pouco representada, aproveita a matéria prima local (xisto, quartzo e quartzito), com destaque para os utensílios



Figura 9 – Vista do esporão onde se localiza o povoado de Monte Roncão 16, a partir de SO (© Paulo Marques).

sobre lasca, os seixos talhados, fragmentos de seixo e algum percutor.

Nesta primeira abordagem ao sítio, conseguiu-se delimitar a área de dispersão dos vestígios, constatando, a julgar pela maior presença de materiais arqueológicos, que a ocupação do mesmo terá ocorrido, provavelmente, no topo da elevação e nas vertentes viradas ao rio. A recolha de superfície permitiu também orientar a localização da área a intervir, sendo a sondagem implantada na vertente Sul do sítio, sobre a linha de água, numa zona onde a densidade de artefactos era maior e onde também existiam restos de possíveis estruturas à superfície. Mas, apesar da intenção inicial de abranger uma área de 36m², dividida em quadrículas de 2m x 2m, o escasso tempo disponível, unido à complexidade dos contextos arqueológicos que estavam a ser escavados, fez com que apenas seis destas quadrículas fossem objecto de intervenção e que, no final da campanha, só em duas delas se atingisse o substrato geológico.

Com estas limitações, apenas podemos avançar algumas considerações. Relativamente à arquitectura, as estruturas registadas foram edificadas à base de pedra local, utilizando lajes de xisto de alguma dimensão, dispostas na horizontal. Não apresentavam qualquer tipo de aparelho, sendo aglomeradas por uma matriz de sedimentos compactos, com nódulos de barro cozido associados (UE6). Como não foram escavadas de forma integral, referimos apenas que os troços identificados só conservavam as fiadas da base e apresentavam plantas tendencialmente semicirculares, simulando cabanas, como é o caso das UEs 3 e 9 ou correspondiam a troços de muros de tendência recta (UEs 18 e 19), cuja funcionalidade desconhecemos (Figura 10). Às estruturas pétreas surgem associados derrubes de pouca potência, evidenciando que não seriam muito maiores. Acresce que, a presença de cerâmica de revestimento nestes derrubes, poderá estar relacionada com a construção em terra da parte superior destas estruturas. Apesar de não terem sido identificadas estruturas de combustão, na área intervir surgiram diversos fragmentos de seixos quartzíticos fracturados pela acção do fogo (termoclastos) que, eventualmente, poderão ter formado parte de pequenas lareiras.

A intervenção realizada, embora pequena, forneceu abundante espólio. Entre os vários conjuntos artefactuais, destaca-se o dos recipientes cerâmicos, tendo-se contabilizado 712 bojos e 101 bordos. Em termos morfológicos, predominam as formas abertas, principalmente os pratos de bordo espessado e, com

menor expressão, as taças (com e sem carena), reflectindo o mesmo padrão que se tinha observado na recolha de superfície. As peças decoradas estão ausentes, com excepção de dois fragmentos de bojos que apresentavam decoração plástica à base de mamilos. Igualmente em cerâmica registaram-se dois fragmentos de pesos de tear (crescentes) de secção ovalada com uma perfuração junto à extremidade.

O conjunto de pedra lascada é menos representativo (66 peças) e a maior parte das peças corresponde a fragmentos inclassificáveis. Destaca-se a indústria sobre seixo, orientada, principalmente, à produção de lascas. Entre os utensílios retocados, e de forma residual, surgem pontas de seta de base plana e de base côncava (7 peças), produzidas em xisto jaspóide. A matéria-prima utilizada na produção da indústria lítica recorre maioritariamente aos recursos disponíveis localmente, como quartzito, xisto jaspóide, quartzo, jaspe e anfíbolo que aparecem no registo por esta ordem.

Quanto à metalurgia, as evidências são escassas, tendo apenas como indicador um punção, possivelmente de cobre.

Finalmente, registou-se a presença de fauna abundante na área intervir cujas espécies representadas, à falta de estudo, desconhecemos.

O conjunto artefactual recolhido, embora seja necessário realizar um estudo exaustivo, permite-nos enquadrar o sítio Monte Roncão 16 num momento preciso da Pré-História Recente. O domínio nos recipientes cerâmicos das formas abertas, nomeadamente, os fragmentos de pratos de bordo espessado e de taças, os crescentes, as pontas de seta e o punção em cobre, remetem para um momento pleno do Calcolítico (Figura 11). Por outro lado, o tipo de implantação e de arquitectura registada em Monte Roncão 16 têm paralelos com outras estações coevas localizadas na margem oposta do rio, como é o caso dos sítios Monte do Tosco 1 e Moinho de Valadares 1 (Valera, 2013).

As estruturas detectadas e o abundante espólio recolhido, numa área de intervenção reduzida, apontam para que o espaço tenha sido ocupado de forma prolongada por uma comunidade relativamente estável. Entre as práticas que faziam parte do seu quotidiano, surgem, no registo arqueológico, a caça, a pesca, a tecelagem e a metalurgia (esta última apenas representada por um punção de cobre). Só recorrendo a intervenções extensas teria sido possível a melhor caracterização das diversas estruturas e uma aproximação à compreensão da dinâmica interna deste *habitat* (Correia, 2002).

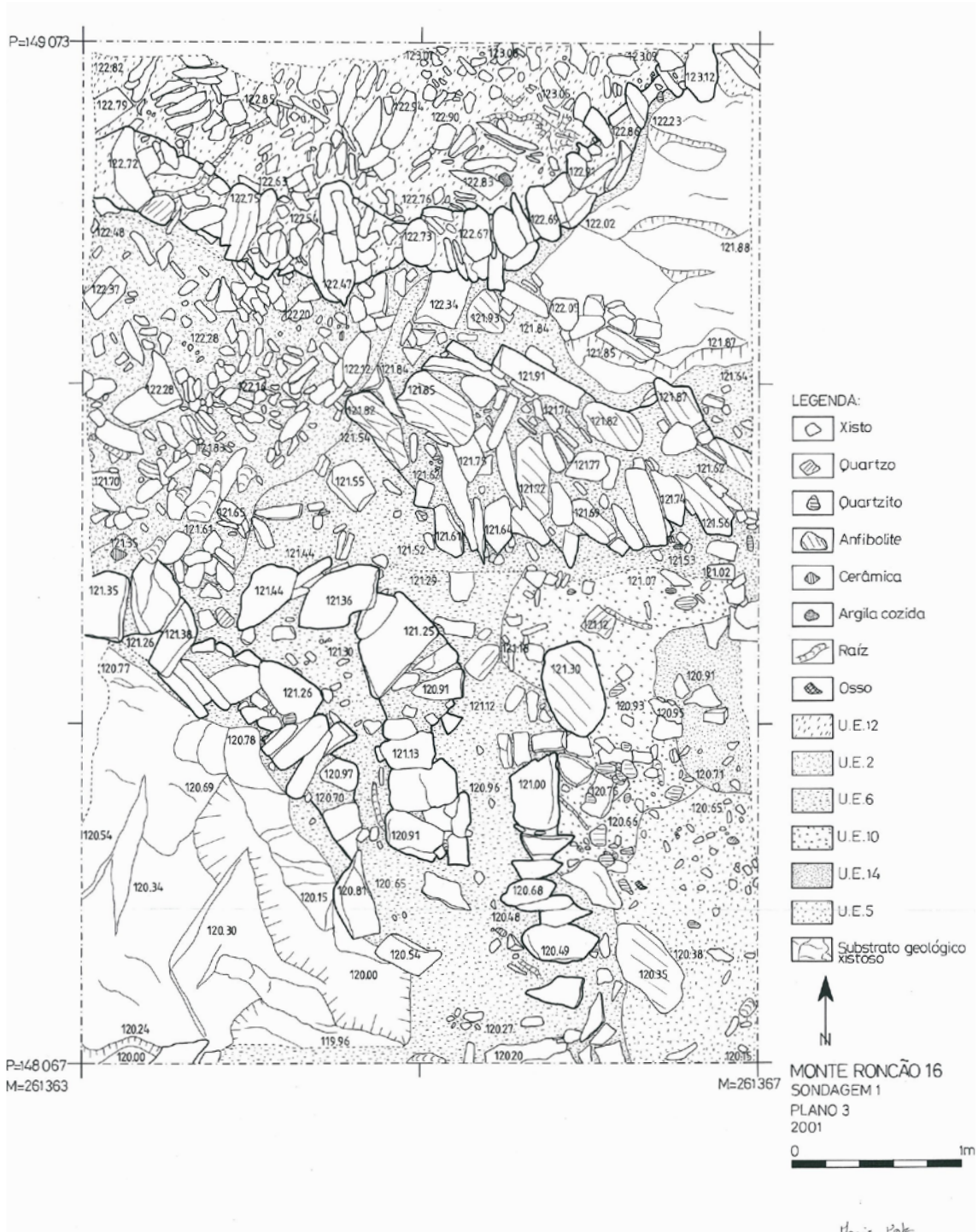


Figura 10 – Monte Roncão 16. Planta da área intervencionada onde se observam as estruturas identificadas (UEs 3, 9, 18 e 19).



Figura 11 – Monte Roncão 16. Alguns exemplares do conjunto artefactual exumado (© Consuelo Gómez Granel).



Figura 12 – Anta 1 (no topo) e Anta 2 da Torrejona inseridas na paisagem que as envolveu durante milénios (© Paulo Marques).

2.2. Bloco 7 – Antas da Bacia do Degebe (concelho de Portel)

No âmbito deste Bloco, a Degebe realizou a escavação arqueológica de sete monumentos (Torrejona 1 e 2, Moncarxa, Marco Alto 1 e 3, Chão da Pereira e Balsinha), os quais podem ser agrupados em necrópoles megalíticas que incluem outras antas que não foram afectadas pelo enchimento da albufeira, tendo sido proposta por Susana Correia (2002, p. 113; Antunes *et al.*, 2004, p. 248) a existência de três núcleos, tendo os dois primeiros sido já agrupados por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (Soares e Silva, 1992).

1. Torrejona 1, Torrejona 2 e Moncarxa;
2. Chão da Pereira, Monte das Antas ou Cova da Preta, Pernes ou Calvário (destruída) e, talvez, Droa;
3. Marco Alto 1, Marco Alto 3 e, possivelmente, Marco Alto 2.

Em cada necrópole megalítica aparentemente existe um monumento “central” ou que se destaca, pela maior dimensão e pela implantação topográfica dominante – Torrejona 1, Monte das Antas e Marco Alto 3 (Correia, 2002, p. 113; Antunes *et al.*, 2004, p. 248).

Seleccionaram-se as antas 1 e 2 da Torrejona (distrito de Évora, concelho de Portel, freguesia da Amieira) para figurar no presente artigo porque pertencem à mesma necrópole, distando apenas 117 m uma da outra (Figura 12) e partilham um conjunto de elementos que são relevantes para a discussão de questões mais abrangentes em torno do fenómeno megalítico e dos *habitats*. Ao nível do povoamento, colocou-se a hipótese de o “núcleo de Torrejonas / Moncarxa” incluir, pela proximidade, os sítios da Moncarxa (Outeiro) e das Torrejonas.

2.2.1. Anta 1 da Torrejona

A intervenção arqueológica, realizada sob a direcção científica de Ana Sofia Antunes, decorreu em três campanhas, entre 1 de Outubro e 30 de Novembro de 1999, 29 de Fevereiro e 26 de Agosto de 2000 e 31 de Janeiro e 10 de Abril de 2001. Ao contrário da situação actual, na época não se fez sentir a falta de chuva, particularmente em 2000, o que dificultou em muito o desenvolvimento dos trabalhos num sítio que revelou alguma complexidade.

O monumento implanta-se no topo de um pequeno esporão na margem direita do Degebe, a cerca de 300 m deste, no final de uma zona de maior planura, em contraste com as elevações que dominam a Norte e a Este no lado oposto do rio, possuindo um bom domínio visual do território envolvente e destacando-se na paisagem.

Trata-se de uma anta de grande dimensão, com o corredor bem diferenciado em altura relativamente à câmara, cujos esteios se elevam 2,47 m acima do nível do solo. Esta é poligonal, composta por 7 ortóstatos e tem um diâmetro máximo de 3,4 m. O corredor, com 2,5 m de comprimento, é composto por dois esteios no lado esquerdo e um no lado direito e a largura varia entre 1,1 e 1,6 m, aumentando em direcção à câmara. Conhece uma altura de 1,20 m desde o substrato geológico e de 1 m desde o piso de regularização (Figura 13). O *tumulus* preservava um raio de 4,5 m e era composto na base por sedimento argiloso ligado com pequenos fragmentos de xisto para potenciar a compactação, o qual era coberto por uma couraça pétreia de blocos de xisto de média e grande dimensão, que integrava também alguns



Figura 13 – Anta 1 da Torrejona. Vista geral desde Este inserida na paisagem envolvente prévia à albufeira de Alqueva, observando-se o monumento megalítico e a estrutura subrectangular no interior do corredor (© Ana Sofia Antunes).

fragmentos de dormentes de mós manuais (Antunes, 1999, 2000).

A escavação integral da câmara, do corredor e de grande parte da mamoa, permitiu documentar a metodologia da sua construção, baseada na planificação da sua planta previamente à edificação, directamente sobre o afloramento xistoso, através de um esboço escavado no substrato geológico (Antunes, 2000).

Esta estratégia revelou-se comum a outras antas intervencionadas no âmbito do Bloco 7, caso da anta 1 do Marco Alto, por exemplo. No que respeita aos alvéolos foi adoptada uma técnica mista, radicando tanto em espaços individuais como em depressões que albergavam dois esteios, pelo menos no caso de alguns dos ortóstatos da câmara. Os monólitos encontravam-se apoiados num enrocamento de seixos de quartzo e solidamente envolvidos no interior dos alvéolos por pedras de apoio que incluíam seixos de quartzo e alguns blocos de xisto. É notória a preferência pela utilização de seixos de quartzo nos alvéolos e de blocos de xisto na couraça da mamoa, reflectindo uma identidade de estratégia construtiva com as antas do Marco Alto 1 e 3 (Antunes, 2000, p. 34).

O levantamento de grande parte da mamoa permitiu também documentar, sob esta, de ambos os lados do corredor, no exterior, a presença de duas estruturas

de combustão escavadas no substrato geológico, as quais poderão estar relacionadas com actividades de apoio à construção do monumento ou corresponder a um momento anterior e relacionar-se com outras construções prévias descritas *infra* (Antunes, 2000, 2001; Antunes *et al.*, 2004, p. 237). A existência de estruturas de combustão sob as mamoas não é caso único nas antas do Bloco 7, tendo-se registado por exemplo na mesma necrópole megalítica, na anta 2 da Torrejona, diversas estruturas de combustão escavadas na rocha circundando o monumento (Virsedá Sanz, 2001).

A anta 1 da Torrejona terá conhecido uma grande dinâmica de utilização, registando-se, na câmara e no corredor, a renovação do espaço com a sucessiva substituição de pavimentos, que nos momentos mais antigos seriam de argila compactada e passaram depois para uma composição pétreia, tanto de lajeados de xisto, mais ou menos robustos, como de seixos rolados de quartzo. Usualmente efectuava-se uma limpeza abrangente, embora num dos momentos intermédios se tenham mantido *in situ* cinco recipientes cerâmicos completos, fracturados pela colocação do pavimento seguinte. Entre os escassos vestígios osteológicos preservados, a presença de dentes com indícios de exposição ao fogo parece revelar actos de higienização. De facto, numa das fases finais de ocupação, registou-

-se no fundo da câmara uma lareira com efectivos vestígios de combustão na área envolvente. Na câmara, a dada altura, realizou-se uma reordenação do espaço, mediante a colocação de uma linha pétreia divisória alinhada perpendicularmente pelo corredor. A última ocupação está associada a pratos de bordo espessado e almendrado, recipientes carenados e cerâmica carenada e mamilada, o que apontaria para uma integração dentro do Calcolítico.

Possivelmente associada à última ocupação do monumento, registou-se uma estrutura de planta subrectangular composta por lajes de xisto de grande dimensão, edificada no corredor, adossada ao último esteio do lado esquerdo e à laje da “porta” da câmara, a qual se encontrava tapada por lajes horizontais (Figura 13). No seu interior apenas se encontravam depositados quatro machados de pedra polida, ainda que em posição aparentemente desordenada, na vertical e na diagonal (sugerindo mais um enchimento). A sua funcionalidade encontra-se em aberto, sendo improvável que consista numa sepultura secundária, perante a aparente ausência de vestígios osteológicos ou cinerários, embora não se possa afastar completamente essa hipótese sem um estudo mais detalhado e, particularmente, analítico. Um carácter ritual torna-se uma

interpretação apelativa, sem que de momento seja possível definir melhor os seus contornos (Antunes, 2000, 2001; Antunes *et al.*, 2004, p. 238).

O que parece certo é a importância que este monumento megalítico teria para a comunidade que o utilizava (o que reforça o seu papel destacado no âmbito da própria necrópole), que impediu que fosse usado por terceiros, procedendo intencionalmente à sua selagem através da construção de uma estrutura de condenação robusta que se estendeu pelo corredor e pela câmara. De facto, através da sobreposição de várias camadas organizadas de blocos pétreos de xisto de média e grande dimensão o corredor foi colmatado até ao topo, incluindo a estrutura subrectangular funerária / ritual, impedindo o acesso à câmara, na qual este empedrado se prolonga até ao início, adquirindo depois um cariz sedimentar na restante área (Antunes, 2001; Antunes *et al.*, 2004, p. 238).

Uma das realidades mais interessantes que surgiu durante a intervenção arqueológica foi uma estrutura negativa subcircular escavada na rocha com 3 m de diâmetro e 0,80 m de profundidade máxima preservada, no exterior imediato do monumento, a cerca de 2 m para Norte da câmara, localizada sob a mamoa, sendo, desse modo, anterior (Figura 14). Possuía um



Figura 14 – Anta 1 da Torrejona. Vista geral desde Norte, enquadrada na paisagem envolvente prévia à albufeira de Alqueva, observando-se o monumento megalítico e a estrutura subcircular sob o tumulus escavada na rocha (© Ana Sofia Antunes).

degrau de acesso também escavado na rocha pelo lado Este e encontrava-se pavimentada com sedimento argiloso, sobre o qual se identificou uma pequena estrutura pétrea subcircular, com 40 cm de diâmetro, constituída por blocos de xisto de pequena e média dimensão nos perímetros interno e externo, respectivamente (Antunes, 2000; Antunes *et al.*, 2004, p. 237).

Vestígios de outras duas estruturas idênticas, semi-destruídas, pareciam ainda subsistir, testemunhados pelos blocos de xisto idênticos distribuídos pelo espaço, aparentemente devido à afectação dos trabalhos agrícolas, que rasuraram também o topo da estrutura circular maior e grande parte da mamoa. A funcionalidade destas pequenas estruturas não é clara, estando ausentes indícios que as insiram no âmbito da combustão ou da sustentação, enquanto buracos de poste. A aparente deposição intencional de metade de um pequeno vaso cerâmico, deitado na diagonal, do qual está representado o perfil completo, no interior da pequena estrutura circular pétrea preservada, torna sugestiva a atribuição hipotética de um âmbito ritual ao espaço, ou de um último acto ritual a um espaço previamente doméstico (Antunes, 2000; Antunes *et al.*, 2004, p. 237), mas apenas o estudo mais detalhado deste contexto poderá sustentar ou não esta interpretação.

De qualquer modo, não é de relegar a interpretação da eventual necropolização de espaços habitacionais numa perspectiva de afirmação e de delimitação territorial simultânea à alteração da estratégia de povoamento que parece ter ocorrido no Neolítico Final / Calcolítico Inicial ou Pleno, que motivou a deslocação dos sítios de *habitat*, até porque surgiram diversas evidências de estruturas negativas de âmbito aparentemente doméstico infra-tumulares em outros monumentos megalíticos, com destaque para os possíveis fornos da Moncarxa e da Torrejona 2 (Maestre Rubio, 2002; Virseda Sanz, 2001; Correia, 2002, p. 114-115; Antunes *et al.*, 2004, p. 248).

Situada ligeiramente acima da cota máxima de enchimento da barragem de Alqueva (152 m), a anta 1 da Torrejona pode ser ainda visitada, embora o sítio necessite de manutenção. Uma vez que se procedeu à escavação integral da câmara e de grande parte da mamoa, o que provocou a remoção do sedimento que durante séculos conteve os monólitos, por motivos de segurança, no decurso da escavação arqueológica, foi colocada uma estrutura de contenção no interior da câmara para impedir a queda dos esteios, a qual permanece no local. Após a conclusão dos trabalhos arqueológicos foram também realizadas acções de

protecção provisórias por parte da Degebe, ficando previstos trabalhos de conservação, restauro e valorização, que, no último caso, aguardam concretização.

2.2.2. Anta 2 da Torrejona

Os trabalhos de escavação arqueológica foram realizados sob a direcção científica de Lidia Virseda Sanz em duas campanhas, entre 23 de Outubro e 27 de Novembro de 1999 e entre 22 de Fevereiro e 27 de Setembro de 2000.

A anta 2 da Torrejona localiza-se na margem direita do rio Degebe, entre duas linhas de água com origem na colina das Torrejonas, do qual distava, aproximadamente, 150 metros. O monumento foi implantado numa plataforma elevada, orientada sensivelmente a Noroeste/Sudeste, numa altimetria compreendida entre os 149,5 m e os 150,75 m.

É uma anta composta por mamoa, câmara e corredor bem diferenciado, marcado pela diferença de altura entre ambos. A câmara, de forma poligonal, está composta por sete esteios de xisto dispostos num círculo de 2,48 m de diâmetro, com chapéu circular que apresentava uma covinha no topo. Dos sete esteios conservava três *in situ*, fracturados. Os demais, embora deslocados, ainda mantêm sensivelmente as suas posições originais, com excepção de um que poderá conservar ainda a base. O chapéu encontra-se caído para Sudeste e foi possivelmente a força que este exerceu sobre os esteios da câmara ao deslocar-se que provocou as fracturas e a inclinação em direcção ao centro da câmara. Foram aqui detectadas três camadas estratigráficas, uma superficial, uma segunda, castanha, de preenchimento e uma terceira que assenta directamente na rocha de base, muito mais compacta e que, face aos materiais aí encontrados (cerâmica a torno misturada com cerâmica pré-histórica desde o topo até à base), mostra bem o revolvimento existente nas camadas do interior da câmara.

O corredor tem 1,60 m de largura e 1,90 m de comprimento conservado. Só se conserva *in situ* um esteio na sua face Norte, encontrando-se afectado pela plantação de uma oliveira na mesma localização do esteio a Sul, onde se intui o alvéolo e se diferencia o limite da camada de argila vermelha de preparação que se documenta sob a mamoa (Figura 15). No sector Sudeste do *tumulus* detectou-se uma laje de xisto que poderia corresponder a alguma componente do corredor. Da estratigrafia destaca-se uma camada homogénea com inclusão de lajes de xisto e que poderá corresponder aos restos de um "pavimento" que cobriria o chão do corredor.



Figura 15 – Anta 2 da Torrejona. Vista desde o corredor (© Lidia Vírveda Sanz).

A mamoa, que se escavou integralmente, apresentava-se bastante degradada, com um relevo pouco acentuado, facto que deve ter como causa os trabalhos agrícolas praticados no local, em associação com a erosão natural do terreno. No sector Nordeste do *tumulus* foram detectados restos de possíveis anéis pétreos, compostos por pedras de grande tamanho de quartzo e xisto, destinados à contenção das terras da mamoa, para além do anel de contenção dos esteios da câmara. O espaço entre ambos está preenchido por pedras de menor tamanho e sob estas documentou-se uma capa de argila vermelha muito compacta que serviria para a preparação da área. Contudo, estes anéis não se prolongam para outras áreas do monumento, pelo que se torna difícil deduzir o seu tipo de construção.

Sob a camada de terra avermelhada do *tumulus* foram detectadas cinco fossas distribuídas pelos sectores Nordeste e Noroeste, cuja funcionalidade desconhecemos, mas que poderão estar relacionadas com outras estruturas semelhantes já mencionadas na anta 1 da Torrejona (Figura 16). Três delas, de formato ovalado, foram escavadas na rocha e encontravam-se preenchidas com pedras muito imbricadas. O único

vestígio associado resumia-se a nódulos de argila cozida. Uma outra, também de formato ovalado, apresentava uma camada de pedras imbricadas no fundo e possuía as paredes revestidas de argila cozida, tendo sido recolhidas, na camada superior do seu preenchimento, algumas lascas de debitação em quartzo, sílex e quartzito. A última apresentava uma forma circular e também possuía as paredes revestidas por argila cozida. No seu interior não foi encontrada nenhuma pedra, mas foi recolhido algum material lítico, nomeadamente um fragmento de lâmina de quartzo. Poderão corresponder a espaços de combustão, lareiras ou fornos, anteriores à construção da anta, poderão estar associadas a este facto, como lareiras relacionadas com construção do monumento, ou corresponder, como já se referiu na anta 1 da Torrejona, com um povoamento anterior, nesta plataforma que ocupam ambas as antas (Maestre Rubio, 2002; Vírveda Sáenz, 2001; Correia, 2002, p. 114-115; Antunes *et al.*, 2004, p. 248).

A anta 2 da Torrejona é um monumento violado desde a Época Romana até momentos recentes, com restos de fogueiras de pastores no seu interior, e muito alterado pelos labores agrícolas.

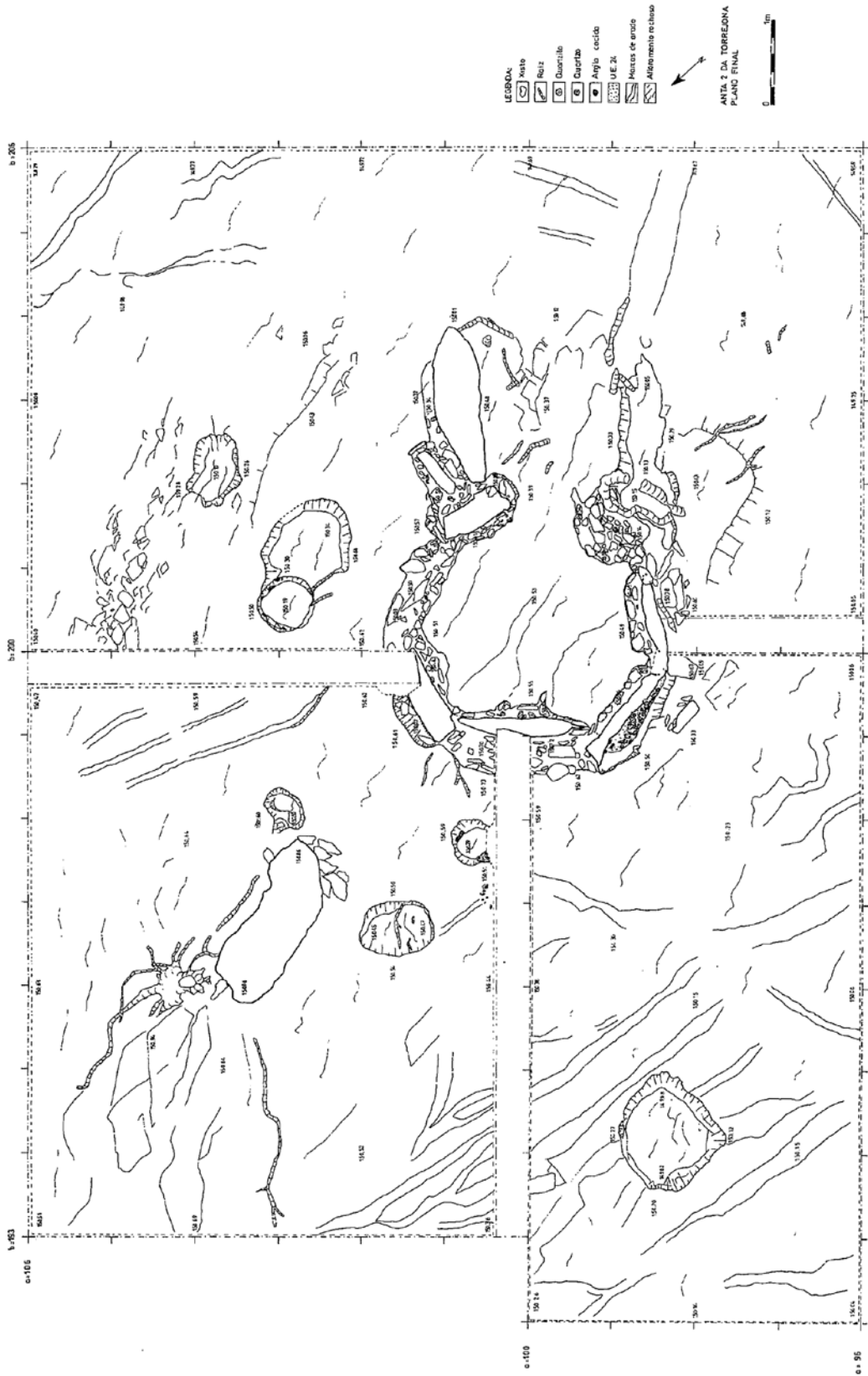


Figura 16 – Anta 2 da Torrejona. Planta geral.

Para proceder à escavação removeu-se o chapéu e três fragmentos de esteios em situação instável. Depois de intervir no *tumulus*, foi necessário sustentar o resto dos esteios com estacas e cabos de aço. O esteio do corredor foi igualmente sustentado com um sistema idêntico para garantir medidas de segurança durante a escavação. Depois da escavação tomaram-se medidas preventivas para a sua preservação pelo Conservador Joaquim Garcia, uma vez que a anta se situa ligeiramente abaixo da cota máxima de enchimento da barragem, 152 m (Garcia, 2004).


3. NO FIM, O (RE)COMEÇO

O repto lançado pela Susana Correia em 2002 não se cumpriu. O sonho não se concretizou. As questões em aberto continuaram à espera de resposta. Não se desenvolveu um programa sistemático e direccionado de trabalhos arqueológicos que permitisse complementar os dados recolhidos nos sítios casualmente afectados pelo enchimento da albufeira de Alqueva com os espaços funerários e de *habitat* com os quais pudessem estar directamente relacionados, de modo a realizar um estudo integrado dessas realidades. Nos últimos 20 anos, a disciplina perdeu a efémera autonomia administrativa adquirida, a regulamentação complexificou-se, desde 2001 impera o princípio agri-doce da “conservação pelo registo científico”, consagrado na nova Lei de Bases do Património Cultural (Lei 107/2001, de 8 de Setembro, art.º 75, n.º 1) e a Arqueologia Preventiva foi dominando progressivamente, tornando-se quase exclusiva.

Ainda assim, é possível realizar o estudo aprofundado e conjunto dos dados existentes. Desse modo, uma das maiores homenagens que poderemos prestar à Susana, será a de levar a bom porto um projecto que até à data não foi possível terminar – o da publicação integral dos resultados dos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito dos Blocos 4 e 7. Esse desígnio, que era o dela, foi, é e será também o nosso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ana Sofia (1999) – *Anta 1 da Torrejona – relatório 1999*. Relatório policopiado.
- ANTUNES, Ana Sofia (2000) – *Anta 1 da Torrejona – relatório de escavação 2000*. Relatório policopiado.
- ANTUNES, Ana Sofia (2001) – *Anta 1 da Torrejona – relatório de escavação 2001*. Relatório policopiado.
- ANTUNES, Ana Sofia; MARTINS, Artur; VILHENA, Jorge; VIRSEDA SANZ, Lúdia; CORREIA, Susana (2004) – *Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo de Alqueva: antas da bacia do Degebe. Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Reguengos de Monsaraz. 3-7 de maio de 2000*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 25), pp. 227-250.
- CORREIA, Susana (1996) – *Calcolítico do Sul de Portugal – Estudo de um caso: o concelho de Cuba*. Porto: Universidade. Dissertação de Mestrado policopiada.
- CORREIA, Susana (2000) – *Investigação em Pré-História Recente no concelho de Cuba. Balanço dos resultados e perspectivas futuras. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 40, pp. 1-2.
- CORREIA, Susana (2002) – *Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo de Alqueva. Blocos 4 e 7 do Plano de Minimização de Impactes Arqueológicos. Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 11, pp. 109-116.
- EDIA (1996) – *Património Arqueológico no Regolfo de Alqueva. Quadro Geral de Referência*. Beja. Relatório policopiado.
- GARCIA, Joaquim (2004) – *Relatório de conservação, acondicionamento e selagem de dez monumentos megalíticos a afectar pelo regolfo de Alqueva – relatório 2004*. Relatório policopiado.
- GÓMEZ GRANEL, Consuelo (2002) – *Povoado de Monte Roncão 16: 2001*. Relatório policopiado.
- MAESTRE RUBIO, Alma (2002) – *Anta da Moncarxa: 2001*. Relatório policopiado.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1992) – *Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. Setúbal Arqueológica*. MAEDS: Setúbal. 9-10, pp. 37-88.
- VALERA, António Carlos (2013) – *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana, 2.ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*. EDIA, DRCALEN: Beja, Évora (Memórias d’Odiana, 2.ª série. Estudos Arqueológicos do Alqueva).
- VILHENA, Jorge H. (2000) – *Chão da Pereira – relatório 1999*. Relatório policopiado.
- VIRSEDA SANZ, Lidia (2000) – *Anta 2 da Torrejona – relatório 1999*. Relatório policopiado.
- VIRSEDA SANZ, Lidia (2001) – *Anta 2 da Torrejona – relatório 2000*. Relatório policopiado.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2025

www.arqueologos.pt